



“Brizola: realização, dinamismo, esperança do Rio Grande” — Ingresso, ascensão política e construção de candidatura para as eleições estaduais de 1958

Samuel da Silva Alves¹

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, já finalizada, que tratou da candidatura e campanha eleitoral de Leonel de Moura Brizola ao governo do Rio Grande do Sul em 1958. Nele, busca-se analisar como se deu o ingresso de Brizola na política da *experiência democrática* (1945-1964), de que forma o mesmo ascendeu no interior da seção gaúcha do PTB e no cenário político sul rio-grandense e quais os meios pelo quais Brizola construiu-se enquanto candidato ao governo estadual para as eleições de 1958. O ponto de partida teórico para esta análise é a teoria do campo político, proposta por Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Leonel de Moura Brizola; Partido Trabalhista Brasileiro; Eleições de 1958; Experiência Democrática Brasileira.

“Brizola: achievement, dynamism, hope of Rio Grande” — Ingress, political rise and construction of candidature for the 1958 state elections

Abstract: This article is a part of a largest research, already completed, which approached the candidature and electoral campaign of Leonel de Moura Brizola for the government of Rio Grande do Sul in 1958. It seeks to analyze how Brizola joined in the politics of the *democratic experience* (1945-1964), how he ascended inside the PTB of Rio Grande do Sul and in the state policy and what were the means through which Brizola was built as a candidate for the state government for the 1958 elections. The theoretical starting point for this analysis is the theory of the political field, proposed by Pierre Bourdieu.

Keyword: Leonel de Moura Brizola; Brazilian Labor Party; 1958 Elections; Brazilian Democratic Experience.

Considerações Iniciais

Diferentemente de alguns estudos que apontam para um sistema político em desestruturação, autores como Antônio Lavareda, Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira entendem que o período que compreende os anos de 1945 e 1964 foi marcado pela consolidação de uma democracia liberal – apesar da existência de certas limitações e restrições –, interrompida pelo golpe civil-militar (LAVAREDA, 1991; GOMES, 2009; GOMES, FERREIRA, 2018). As diversas eleições ocorridas neste intervalo de tempo, periódicas e ininterruptas, seja no plano federal, estadual ou municipal, contribuíram para a consolidação dessa primeira *experiência democrática brasileira*, que expressava as diversas correntes de opinião e

¹ Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista do CNPq. E-mail: samuel.alves13@outlook.com. Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado intitulada *Ideias novas para problemas velhos: a candidatura e campanha eleitoral de Leonel Brizola ao Governo do Rio Grande do Sul em 1958* (ALVES, 2020). Tal pesquisa contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

também a expansão do número de eleitores (FERREIRA, 2011; GOMES, FERREIRA, 2018). Isto, por sua vez, propiciou aquilo que Gomes (2009, p. 36) classifica como um “aprendizado da política eleitoral, em novos e mais amplos marcos”.

Sobre eleições, é possível afirmar que o período da *experiência democrática* foi marcado por uma ampliação sem precedentes do eleitorado, especialmente nos grandes centros urbanos, e pela consequente necessidade de conquista do mesmo, que era agora protagonista dos processos eleitorais (LAVAREDA, 1991; NICOLAU, 2002; GOMES, FERREIRA, 2018). Esta necessidade de convencimento, por sua vez, fez com que fossem desenvolvidos nessa época inúmeros mecanismos voltados à construção de uma imagem de popularidade, à mobilização eleitoral e à conquista de votos. Uma série de práticas que, mesmo coexistindo com outras atividades coercitivas e clientelísticas, remanescentes de períodos anteriores, estabeleciam um novo tipo de relação entre partidos, candidatos e eleitores (CANÊDO, 2012, p. 538).

O ingresso de Brizola na política ocorreu no contexto da reorganização partidária pós-Estado Novo, em 1945, quando adentrou às fileiras do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1947, ainda enquanto estudante de engenharia, foi eleito pela primeira vez deputado estadual. Já no pleito seguinte, em 1950, foi reeleito para a Assembleia Legislativa. Quatro anos depois, após ser derrotado na disputa pela Prefeitura de Porto Alegre em 1951, foi eleito deputado federal. Em 1955, disputou novamente a Prefeitura de Porto Alegre, superando por uma ampla margem de votos o seu adversário, Euclides Triches, da Frente Democrática – coligação composta pelo Partido Social Democrático (PSD), pela União Democrática Nacional (UDN) e pelo Partido Libertador (PL). Por fim, nas eleições de 1958, quando concorreu a governador do estado do Rio Grande do Sul, Brizola obteve um total de 670.003 votos contra 500.944 de Walter Peracchi Barcelos, também da Frente Democrática. Tal votação configurou-se não apenas como a maior obtida até então por um candidato ao cargo, mas também como a maior diferença percentual entre o primeiro e o segundo colocados na disputa pelo Executivo gaúcho desde o início do período democrático².

Ao longo dos últimos anos, diversos trabalhos acerca da atuação política de Leonel Brizola entre os anos de 1945 e 1964 foram produzidos no âmbito da pós-graduação em História³. Todos os trabalhos caracterizam-se como de suma importância para a compreensão do papel político desempenhado por Leonel Brizola no período, do trabalhismo, do PTB, assim como da própria *experiência democrática*. Entretanto, percebe-se que tais obras privilegiam, na sua ampla maioria, apenas os mandatos de Brizola

2 Atas dos resultados eleitorais de 1947, 1950, 1954 e 1958 – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul – TRE-RS; *Diário de Notícias*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

3 Acerca de sua administração no estado gaúcho, incluindo o episódio da Campanha da Legalidade, foram escritas as dissertações *Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos* (BEMFICA, 2007), *Imagens do Poder: As Fotografias da Legalidade pelas Lentes da Assessoria de Imprensa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (1961)* (REIS, 2012), e as teses *Conflito e conciliação no processo de reforma agrária do Banhado do Colégio* (HARRES, 2002) e *A Última Revolução: o governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963* (SILVA, 2015). Já sobre a sua atuação enquanto deputado federal pela Guanabara e a formação dos Comandos Nacionalistas ou Grupos de Onze, foram produzidas as dissertações *Jango e Brizola: tão perto e tão longe (1961-1964)* (ALMEIDA, 2007), *Leonel Brizola: o deputado federal da Guanabara e o golpe civil-militar (1962-1964)* (RIGHI, 2015), *Grupos de Onze: a esquerda brizolista (1963-1964)* (TAVARES, 2013), *Brizola: um percurso na imprensa do norte do Rio Grande do Sul (1961-1964)* (ANTUNES, 2013), e a tese *O Jornal Panfleto e a construção do brizolismo* (SZATIKOSKI, 2008). Por sua vez, acerca de sua atuação política no período anterior às eleições de 1958, foi produzida apenas a dissertação *A emergência de um líder nacionalista: a atuação parlamentar de Leonel Brizola entre os anos de 1947 e 1953* (FERNANDES, 2013).

enquanto governador do Rio Grande do Sul (1959-1963) e deputado federal pela Guanabara (1963-1964) no período que antecedeu o golpe civil-militar, gerando assim uma lacuna no que diz respeito à sua trajetória política e ascensão no PTB em um período anterior a 1958.

No que segue, com base nos apontamentos acima, buscamos refletir acerca das seguintes questões: como se deu o ingresso de Brizola na política da *experiência democrática* e naquele campo político? De que forma o mesmo ascendeu no interior da seção gaúcha do PTB e no cenário político sul rio-grandense? Quais os meios pelos quais Brizola construiu-se enquanto candidato ao governo estadual para as eleições de 1958?

O ponto de partida teórico para essa análise será com base nas reflexões acerca do campo político. Conforme Bourdieu (2002), o campo político configura-se como um “campo de forças e como campo de lutas que têm em vista transformar a relação de forças que confere a este campo a sua estrutura em dado momento”, ou ainda como “o lugar de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos”. No interior do campo, os partidos políticos elaboram e impõe aos cidadãos uma concepção de mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível, o que, por sua vez, faz com que o campo político se configure também como “o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos” (BOURDIEU, 2002, p. 163-185).

Da Ala Moça a postulante a candidato do PTB nas eleições ao governo do Rio Grande do Sul em 1958: a trajetória política de Leonel Brizola entre os anos de 1945 e 1957

Leonel de Moura Brizola⁴ nasceu em 1922, no povoado de Cruzinha, que corresponde atualmente ao município de Carazinho, no Rio Grande do Sul. De origem humilde, filho de agricultores, enfrentou desde muito cedo uma série de dificuldades no que diz respeito à educação, tendo iniciado seu processo de alfabetização em casa, passando por escolas de diversos municípios, até concluir o ensino primário no ano 1933, em sua cidade natal. Em 1936, Brizola mudou-se para Porto Alegre. Na capital gaúcha, após alguns meses, matriculou-se no Instituto Agrícola de Viamão/RS, onde se diplomou técnico rural em 1939. Após isso, trabalhou como graxeiro em uma refinaria de óleo em Gravataí/RS e como funcionário do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura de Porto Alegre. A fim de dar continuidade em seus estudos, Brizola matriculou-se no Colégio Julio de Castilhos, concluiu o curso supletivo e em 1945 ingressou na Faculdade de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul, onde se graduaria no ano de 1949 (MONIZ BANDEIRA, 1977; BRUST, NASCIMENTO, 2016).

Com o fim do Estado Novo e a reorganização dos partidos políticos, Brizola adentrou as fileiras do PTB, ainda em 1945. Juntamente com um grupo de sindicalistas de Porto Alegre, fundou o primeiro núcleo do partido no Rio Grande do Sul. Nesta mesma época, participou também da criação da ala estudantil do PTB. Em 1947, ainda como acadêmico de Engenharia, Brizola foi lançado candidato a deputado estadual

4 Para tratar da trajetória de Leonel Brizola, serão utilizadas, entre outras, biografias políticas, perfis e testemunhos orais, tais como as obras *Brizola e o Trabalhismo* (1977), do já citado Moniz Bandeira, autor que entrevistou Brizola em seu retorno do exílio, *Leonel Brizola: perfil, discursos e testemunhos (1922-2004)* (2004), perfil parlamentar escrito por Braga et. al e publicado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALERGS), e *Leonel Brizola: uma biografia política* (2016), recentemente publicada por Hari Alexandre Brust e Nilton Nascimento.

pela mesma ala estudantil (MONIZ BANDEIRA, 1979; BRUST, NASCIMENTO, 2016). Segundo Bodea (1992, p. 45), na ocasião do lançamento público de sua candidatura, em cerimônia que contou com a presença de Alberto Pasqualini, candidato ao governo do Rio Grande do Sul, o discurso de Brizola foi transmitido por uma emissora de rádio local, em um estilo próprio, que o faria, nos anos que se sucederiam, a ascender em termos de penetração popular e eleitoral, e, por consequência, no interior do próprio PTB. Tal fato evidencia, já desde o início de sua vida pública, o domínio daquilo que Bourdieu classifica como *habitus* político.

Conforme explica Bourdieu (2002, p. 169-173), qualquer possibilidade de sucesso no jogo propriamente político está condicionada também à posse de uma competência específica, um modo de pensamento e ação: o *habitus* do político. Este *habitus* consiste tanto em um conjunto de saberes específicos (teorias, problemáticas, conceitos, tradições históricas e dados econômicos) e capacidades gerais, como o domínio de uma linguagem e de uma retórica política, a qual o autor divide e classifica como do *tribuno* (vital nas relações com os profanos) e do *debater* (imprescindível na relação com os profissionais), quanto em um tipo de *iniciação* (uma série de provas e ritos de passagem), que tende a revelar ao profissional a lógica do campo político e impor a ele uma submissão aos valores, hierarquias e censuras inerentes ao campo, bem como aos seus constrangimentos e formas de controle. No que tange a Brizola e o rádio, o domínio de um *habitus* do *tribuno*, adaptado a este meio de comunicação de massas, se tornaria ao longo da *experiência democrática* um dos principais trunfos de sua meteórica carreira.

Neste pleito, Brizola elegeu-se deputado estadual, sendo apenas o 11º parlamentar mais votado do PTB, atrás de nomes já destacados da política gaúcha, como José Diogo Brochado da Rocha, e de jovens políticos, a exemplo de Fernando Ferrari e João Goulart, que como ele iniciavam ali suas trajetórias e com os quais dividiria e disputaria protagonismo no interior do partido nos anos que se sucederiam. A tabela abaixo nos mostra a relação dos 23 deputados estaduais eleitos pelo PTB neste pleito, bem como o número de votos obtidos por cada candidato:

Tabela 01 – Deputados estaduais eleitos pelo PTB nas eleições de 1947 no Rio Grande do Sul

Nº	Nome	Votos	Nº	Nome	Votos
1º	José Diogo Brochado da Rocha	20.446	13º	Raimundo Fiorello Zanin	3.624
2º	Celeste Gobato	8.582	14º	Ataliba de Figueiredo Paz	3.515
3º	Fernando Ferrari	6.694	15º	Floriane Neves da Fontoura	3.472
4º	Odílio Martins de Araújo	6.198	16º	João Nunes de Campos	3.395
5º	Aquiles Mincaroni	5.962	17º	Cesar José dos Santos	3.389
6º	Egídio Michaelsen	5.505	18º	Jorge Germano Sperb	3.322
7º	Álvaro Ribeiro Pereira	5.382	19º	Rodrigo Magalhães dos Santos	3.320
8º	Guido Giacomazzi	5.049	20º	Humberto Gobbi	3.050
9º	João Goulart	4.150	21º	Afonso Assunção Vianna	2.874
10º	Paulo da Silva Couto	4.010	22º	Guilherme Mariante	2.866
11º	Leonel de Moura Brizola	3.839	23º	João Lino Braun	2.819
12º	Unírio Carrera Machado	3.704			

Fonte: Tabela organizada pelo autor. **Fonte:** Atas dos resultados eleitorais de 1947 – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul – TRE-RS.

No que se refere à atuação de Brizola durante seu primeiro mandato como deputado estadual, Fernandes (2013, p. 113) afirma que a mesma foi marcada por um tom altamente oposicionista. Segundo o autor, diante do contexto de insatisfação popular gerado pela grave crise econômica que atingia o estado, assim como da repressão aos movimentos sociais, suas manifestações estiveram, na maioria das vezes, permeadas por críticas ao Executivo estadual, representado na época por Walter Jobim, do PSD. Todavia, para além das críticas, Fernandes (2013, p. 70) aponta também para a defesa, por parte de Brizola, de uma série de projetos voltados à juventude e aos estudantes.

O período que compreende os pleitos de 1947 e 1950 foi marcado por uma diminuição de influência da ala sindicalista do PTB e por uma substituição, em nível de direção partidária, por políticos egressos do PSD e da União Social Brasileira (USB) e ainda jovens ativistas da ala moça, como Brizola. Esta substituição na direção partidária acarretou no afastamento de figuras como José Vecchio – militante do movimento sindical gaúcho, um dos fundadores do PTB no Rio Grande do Sul e ex-vice-presidente do Diretório Regional – que se empenhou na formação de um “Centro Cívico Trabalhista” e, posteriormente, de uma dissidência intitulada Partido Trabalhista Brasileiro Independente (PTBI) (BODEA, 1992, p. 60-61)

Nesse contexto de mudanças na cúpula partidária do PTB gaúcha, Brizola passou, em meados de 1950, a compor a nova executiva estadual do partido, juntamente com João Goulart e Egydio Michaelsen, com os quais articulou no Rio Grande do Sul a campanha eleitoral de Getúlio Vargas à Presidência da República (BODEA, 1992, p. 66). Além disso, o ano de 1950 foi marcado por outro importante evento na trajetória de Brizola: o casamento com Neusa Goulart, irmã de Jango, que teve Vargas como padrinho (MONIZ BANDEIRA, 1979, p. 54). No pleito deste mesmo ano, Brizola foi reeleito deputado estadual, sendo o candidato mais votado do PTB e também do estado, obtendo 16.691 votos, mais do que o dobro dos votos do segundo colocado de seu partido. A tabela a seguir mostra a relação dos 21 deputados do PTB eleitos na ocasião, bem como número de votos angariados pelos respectivos candidatos:

Tabela 02 – Deputados estaduais eleitos pelo PTB nas eleições de 1950 no Rio Grande do Sul

Nº	Nome	Votos	Nº	Nome	Votos
1º	Leonel de Moura Brizola	16.691	12º	Zacharias Albuquerque de Azevedo	4.550
2º	Unirio Carrera Machado	7.779	13º	Ruben Bento Alves	4.537
3º	Daniel Dipp	7.377	14º	Mario Carlos de Bem Osorio	4.527
4º	Osmar da Rocha Grafulha	6.969	15º	Waldomiro Vasconcelos Domingues	4.459
5º	João Caruso Scuderi	6.339	16º	Croacy Cavalheiro de Oliveira	4.392
6º	Raul Antônio Armando Pereira	6.261	17º	Wilson Vargas da Silveira	4.353
7º	Suely Gomes de Oliveira	5.582	18º	Siegfried Emanuel Heuser	4.267
8º	Rui Rocha Noronha de Mello	5.515	19º	João Lino Braun	4.247
9º	Miguel Olivé Leite	5.066	20º	Theobaldo Neuman	4.176
10º	Adilio Martins Vianna	4.895	21º	Alfredo Leandro Carlson	4.168
11º	Silvio Umberto Ulderico Sanson	4.794			

Fonte: Tabela organizada pelo autor. **Fonte:** Atas dos resultados eleitorais de 1950 – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul – TRE-RS.

Durante seu segundo mandato como deputado estadual, Brizola adotou um posicionamento mais moderado. Se no decorrer da primeira legislatura o deputado trabalhista sustentou um discurso de

oposição ao governo de Walter Jobim, neste segundo momento na Assembleia Legislativa, já como líder da bancada do PTB, Brizola buscou defender os interesses dos governos de Ernesto Dornelles, em nível estadual, e de Getúlio Vargas, na esfera nacional (FERNANDES, 2013, p. 111). Contudo, a atuação de Brizola no Legislativo gaúcho durante seu segundo mandato foi abreviada em decorrência da disputa pela Prefeitura de Porto Alegre e, posteriormente, pela sua nomeação à Secretaria de Obras Públicas do estado.

Deputado estadual mais votado na capital e no interior, líder da bancada trabalhista e apoiado por Goulart, que já despontava não apenas como liderança estadual, mas também nacional, Brizola passou rapidamente a preparar sua candidatura à Prefeitura de Porto Alegre, organizando na capital gaúcha inúmeros diretórios zonais e núcleos de bairro trabalhistas. Além disso, articulou juntamente com Jango alianças com partidos menores, como o Partido da Representação Popular (PRP) e o Partido Social Progressista (PSP), no intuito de expandir as bases eleitorais trabalhistas, já visando, possivelmente, ao pleito de 1954 (BODEA, 1992, p. 96-100).

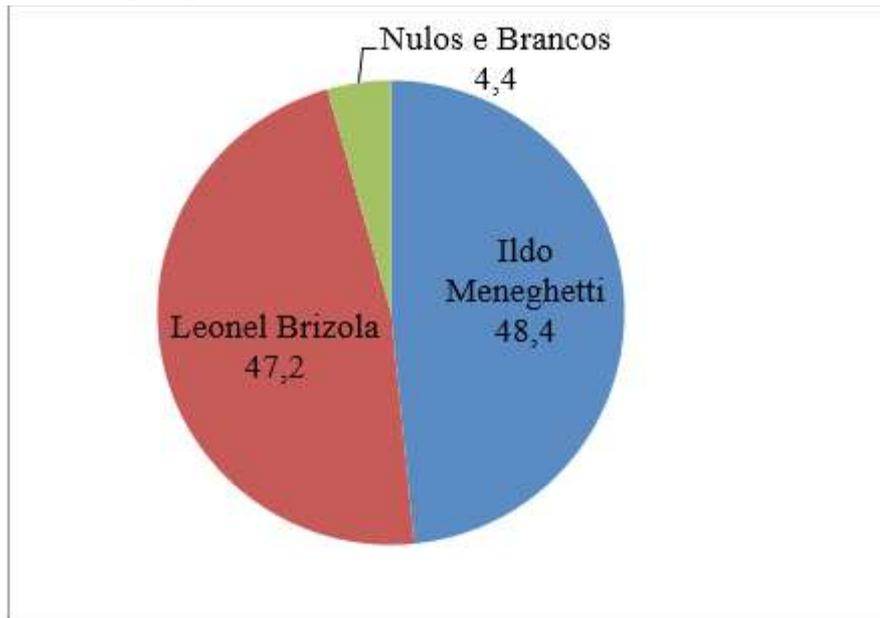
Entretanto, apesar do apoio de Goulart e do domínio da máquina partidária municipal, sua candidatura não foi, segundo Bodea (1992, p. 100), unânime entre os trabalhistas, sofrendo forte oposição de vários líderes sindicais, como o dissidente José Vecchio, que veio a apoiar Ildo Meneghetti, candidato da recém-formada Frente Democrática. Conforme explica esse autor, uma das causas da resistência da ala sindicalista comandada por Vecchio à candidatura de Brizola foi a aliança com o PRP. Contudo, em depoimento ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), José Vecchio deu outra versão dos fatos e afirmou que a oposição à candidatura de Brizola foi reflexo da disputa entre a ala sindicalista e algumas lideranças da ala-moça, como Brizola e Wilson Vargas, pelo domínio da máquina partidária municipal⁵.

Independentemente das motivações, o grupo liderado por Vecchio, derrotado nessa disputa interna, organizou uma dissidência, o já citado PTBI, que atuou de maneira contrária a Brizola no pleito para a Prefeitura de Porto Alegre em 1951. Na ocasião, conforme explica Vecchio, a dissidência apoiou as candidaturas a vice-prefeito de Manoel Vargas, do PTB, e a prefeito de Ildo Meneghetti, da Frente Democrática, que concorreu contra Brizola. Ao final do pleito, Ildo Meneghetti superou Brizola, como nos mostra o gráfico abaixo. No já citado depoimento ao CPDOC, Vecchio disse entender que o apoio a Meneghetti e a contra-campanha realizada pela dissidência foram decisivos para a derrota de Brizola, uma vez que Ildo Meneghetti recebeu o mesmo número de votos de Manoel Vargas, do PTB⁶. Indo ao encontro da afirmação de Vecchio, o próprio Meneghetti, de acordo com Bodea (1992, p. 100), admitiu ter se beneficiado do apoio de parte dos trabalhistas da capital gaúcha.

5 VECCHIO, José. José Vecchio (depoimento). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral, 1986.

6 VECCHIO, José. José Vecchio (depoimento). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral, 1986.

Gráfico 01 – Votos válidos para prefeito de Porto Alegre em 1951 (%).



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor. **Fonte:** *Diário de Notícias*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No ano seguinte, Brizola assumiu a Secretaria de Obras Públicas do governo de Ernesto Dornelles, função que exerceu até 1954. Nesse período, atuou com proeminência na política gaúcha, elaborando o pioneiro Plano de Obras do governo trabalhista, que inaugurou no estado a ideia de integração do planejamento de curto, médio e longo prazos com estudos de viabilidade, técnicos e socioeconômicos. Tal plano resultou, em todo o Rio Grande do Sul, na construção de inúmeras pontes (incluindo o projeto e o início da construção da Ponte do Guaíba), estradas, portos lacustres e fluviais, escolas e prédios públicos, além do Aeroporto Salgado Filho, da estação ferroviária de Diretor Pestana e do quartel do Corpo de Bombeiros, do reaparelhamento rodoviário do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem (DAER) e da implantação dos trens diesel-hidráulicos (BODEA, 1992; KLÖCKNER, 2007).

Ainda em 1954, menos de dois meses após a crise política que culminou no suicídio de Vargas, Brizola foi eleito deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Nesta ocasião, foi novamente o candidato mais votado do partido, superando com ampla margem de votos o segundo colocado do PTB e também do estado, Fernando Ferrari. Além disso, considerando o aumento do eleitorado inscrito entre 1950 e 1954 – que passou de 987.236 para 1.224.761 –, obteve, na comparação com José Diogo Brochado da Rocha – candidato federal mais votado do PTB e também no estado no pleito anterior –, praticamente o dobro dos votos válidos e mais que o dobro de votos totais, como nos mostra a tabela abaixo:

Tabela 03 – Deputados federais eleitos pelo PTB nas eleições de 1950 e 1954 no Rio Grande do Sul

Deputados federais eleitos pelo PTB - 1950				Deputados federais eleitos pelo PTB - 1954			
Nº	Nome	Votos	%	Nº	Nomes	Votos	%
1º	José Diogo Brochado da Rocha	44.812	6,2	1º	Leonel de Moura Brizola	103.033	12,3
2º	João Goulart	39.832	5,5	2º	Fernando Ferrari	39.744	4,7
3º	Ruy Ramos	23.955	3,3	3º	Cesar Prietto	22.919	2,7
4º	Fernando Ferrari	21.434	3,0	4º	Unirio Carrera Machado	21.983	2,6
5º	Henrique Pagnoncelli	13.433	1,9	5º	Adilio Martins Vianna	17.063	2,0
6º	Paulo da Silva Couto	12.697	1,8	6º	Croacy C. de Oliveira	14.457	1,7
7º	Achylles Mincarone	12.194	1,7	7º	Victor Loureiro Issler	13.065	1,5
8º	Sylvio da Cunha Echenique	10.802	1,5	8º	Silvio Sanson	12.473	1,4
9º	Cesar José dos Santos	10.449	1,4	9º	Daniel Dipp	12.366	1,4
10º	Germano Dockhera	10.399	1,4	10º	João Lino Braun	10.167	1,2
				11º	João Baptista Fico	9.202	1,1

Fonte: Tabela organizada pelo autor. **Fonte:** Atas dos resultados eleitorais de 1950 e 1954 – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul – TRE-RS.

Na Câmara Federal, Brizola notabilizou-se, segundo Moniz Bandeira (1979, p. 56), por seus embates com Carlos Lacerda, da UDN, que na época advogava em favor do adiamento das eleições para presidente e vice-presidente da República, a serem realizadas em outubro de 1955. Entretanto, sua passagem pela capital federal foi breve. Ainda em 1955, Brizola retornou ao Rio Grande do Sul para novamente disputar a eleição à Prefeitura de Porto Alegre.

Para além apenas de elencar os cargos eletivos ocupados por Brizola nesse primeiro momento, interessa-nos aqui refletir acerca de sua inserção na *experiência democrática* e naquele campo político, assim como de sua trajetória ascendente no interior desse mesmo campo. O ponto de partida para essa reflexão é o conceito de *capital* e a conversão de capitais externos ao campo político em capital político.

De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (1996, p. 223), “o campo estrutura-se pelo estado da relação de forças entre os agentes. A matéria prima dessa luta é o capital de cada agente”. Bourdieu (2007, p. 107), por sua vez, afirma que a capacidade de mobilização de um capital específico determina no interior de certo campo a posição social e o poder específico atribuído a um agente. Ainda segundo Céli Pinto (1996, p. 223), a relação entre capitais (social, cultural, econômico, político, entre outros) pode ocorrer tanto pela conversão quanto pela possibilidade de aquisição de um capital em decorrência da posse de outro capital.

No caso do campo político, Bourdieu (2002, p. 187) acredita tratar-se o capital político de “uma forma de capital simbólico, crédito firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objecto – os próprios poderes que eles lhe reconhecem”. Neste sentido, Bourdieu (2002, p. 190-192) divide o capital político em duas espécies: 1) o capital pessoal de notoriedade e de popularidade, fundado no fato de ser conhecido e reconhecido (reputação, “ter um nome”) e de ter qualificações específicas (condição da aquisição e conservação da boa reputação), sendo frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros campos; e 2) o capital delegado, “produto da transferência limitada e provisória de um capital detido e controlado pela instituição”, cuja aquisição obedece à lógica da investidura, na qual tal instituição consagra o candidato oficial a uma eleição ou marca a transmissão de um capital

político. De acordo com o autor, este tipo de capital, o político, apenas pode ser conservado mediante um trabalho constante, não apenas visando o acúmulo de crédito, mas também qualquer espécie de descrédito.

Com base no que foi exposto até aqui, é possível afirmar que o seu ingresso no campo político ocorreu, especialmente, a partir de um capital cultural e social adquirido junto a Faculdade de Engenharia, convertido em capital político de notoriedade e popularidade: primeiramente, conforme explica Fernandes (2013, p. 112-113), sua formação propiciou-lhe ingressar no funcionalismo público, onde teve contato com importantes figuras da política gaúcha, tais como Antônio Brochado da Rocha e Loureiro da Silva; após isso, sua atuação enquanto líder estudantil e representante da juventude porto-alegrense permitiu-lhe candidatar-se e eleger-se à Assembleia Legislativa do estado. Já sob a forma de um capital cultural institucionalizado, também convertido em capital político de notoriedade e popularidade, o título de engenheiro obtido em 1949 acompanhou Brizola durante toda a sua trajetória, sendo amplamente utilizado, por exemplo, em propagandas eleitorais.

Bem como sua entrada, sua ascensão no campo político também pode ser explicada através do acúmulo e da conversão de capitais. Inicialmente parte de um segundo escalão do PTB gaúcho, Brizola iniciou sua escalada no PTB já nas eleições de 1950: aproveitando-se do vácuo político deixado por nomes como José Diogo Brochado da Rocha, Fernando Ferrari e João Goulart (lideranças estaduais e candidatos eleitos a deputado federal naquele pleito), Brizola obteve expressiva votação, tornando-se, como já citado, o candidato mais votado do PTB e do estado e posteriormente líder do partido na Assembleia Legislativa. Uma votação que, de acordo com Bodea (1992, p. 90), lhe alçou ao patamar das grandes lideranças populares e à direção máxima da seção gaúcha do PTB, apenas abaixo de Vargas e Pasqualini e em condições de ombrear com outros líderes estaduais, como Loureiro da Silva e Brochado da Rocha. No ano seguinte, esta credencial permitiu ainda a Brizola tornar-se o candidato do PTB na disputa pela Prefeitura da capital gaúcha, da qual, como dito anteriormente, saiu derrotado.

Mas afinal, como ocorreu essa expansão de capital político? Um dos fatores que nos auxiliam na compreensão dessa ascensão é o já referido casamento com Neusa Goulart. Como nos mostra Fernandes (2013, p. 113), a partir da união com a irmã de Jango, que teve como padrinho o próprio Vargas, Brizola criou uma rede de contatos que lhe possibilitou não apenas ser parte de uma elite social e política estadual, mas também ascender no interior do PTB. Em outras palavras, a proximidade com duas das principais lideranças trabalhistas permitiu a Leonel Brizola ampliar seu capital social, o qual converteu em capital político delegado, o que por sua vez lhe possibilitou ter acesso aos meios de controle da máquina partidária – sendo parte da executiva estadual do PTB – e também às relações políticas de Jango e Getúlio – fidelidades e alianças políticas. Parte da executiva estadual e um dos arquitetos da campanha de Vargas no estado, Brizola pôde viajar a diversos municípios e circular no interior de inúmeros diretórios, o que, conseqüentemente, pode ter influenciado a sua votação para deputado estadual em 1950, tanto em Porto Alegre quanto no interior. Votado em 47 municípios nas eleições de 1947, Brizola foi lembrado por eleitores de 63 cidades no pleito de 1950. Tendo obtido mais de 200 votos em apenas quatro municípios no pleito de 1947, ele angariou a mesma quantidade em mais de 14 cidades nas eleições de 1950. Em Porto Alegre, sua principal base eleitoral, pulou de 1.727 votos nas eleições de 1947 para 5.098 votos no pleito de 1950⁷.

7 Banco de dados eleitorais – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio-Grandense – NUPERGS.

Cabe aqui uma pequena observação no que diz respeito ao capital político delegado. Conforme já referido por Bourdieu (2002, p. 191-192), esse capital consiste no resultado da transferência, limitada e provisória, de um capital detido e controlado por uma instituição, neste caso o partido, cuja aquisição obedece à lógica da investidura, no qual a instituição/partido consagra o candidato oficial a uma eleição ou marca a transmissão de um capital político. Segundo nos mostram diversos estudos acerca do tema, especialmente entre os anos de 1945 e 1954, o PTB e o trabalhismo confundiam-se muitas vezes com Vargas e com o getulismo. Desta feita, Vargas aqui atuou como uma instituição, o próprio PTB, que sobre Jango e Brizola, ainda em vida, conferiu o direito de falar em nome do partido.

Os reflexos, da conversão deste capital social em capital político delegado, podem ser percebidos também durante e após as eleições de 1954, quando Leonel Brizola foi eleito deputado federal mais votado do estado. Em um processo que se iniciava em 1954 e se encerraria quando da sua escolha como candidato do PTB ao Governo do Rio Grande do Sul e da sua vitória no pleito de 1958, Brizola, outrora uma liderança em ascensão, se firmava a partir de então como o principal nome do PTB gaúcho. Conforme explica Bodea (1992, p. 130), com a morte de Getúlio, em agosto daquele mesmo ano, e também o desaparecimento político do já adoentado Pasqualini, a direção máxima do partido foi assumida pelos ‘herdeiros de Vargas’: a partir de um capital político delegado investido sobre ambos por Getúlio, Jango consolidou-se enquanto maior nome do partido em âmbito nacional, enquanto Brizola afirmou-se a partir de então como líder máximo do PTB em nível regional, passando a falar não apenas em nome do trabalhismo, mas também de seu padrinho, Vargas, e de seu cunhado, João Goulart.

Contudo, a expressiva votação obtida por Brizola em 1954 não foi produto apenas de um capital político delegado, decorrente da proximidade com os dois líderes trabalhistas. Associado a isso, o exercício do cargo de secretário de Obras Públicas do governo de Ernesto Dornelles possibilitou a Brizola a ampliação de seu capital político de notoriedade e popularidade, seja sob a forma de competências específicas necessárias a um administrador, que lhe conferiram legitimidade para tratar sobre o tema no espaço público, seja sob a forma de visibilidade, dada a possibilidade de percorrer inúmeros municípios e contar com uma série de recursos, tais como verbas, cargos, entre outros (recursos estes que lhe permitiram a ampliação de suas bases políticas). Tais elementos, para além da vultosa soma de votos obtida em 1954, o permitiram posteriormente ascender aos cargos de prefeito de Porto Alegre e governador do Rio Grande do Sul.

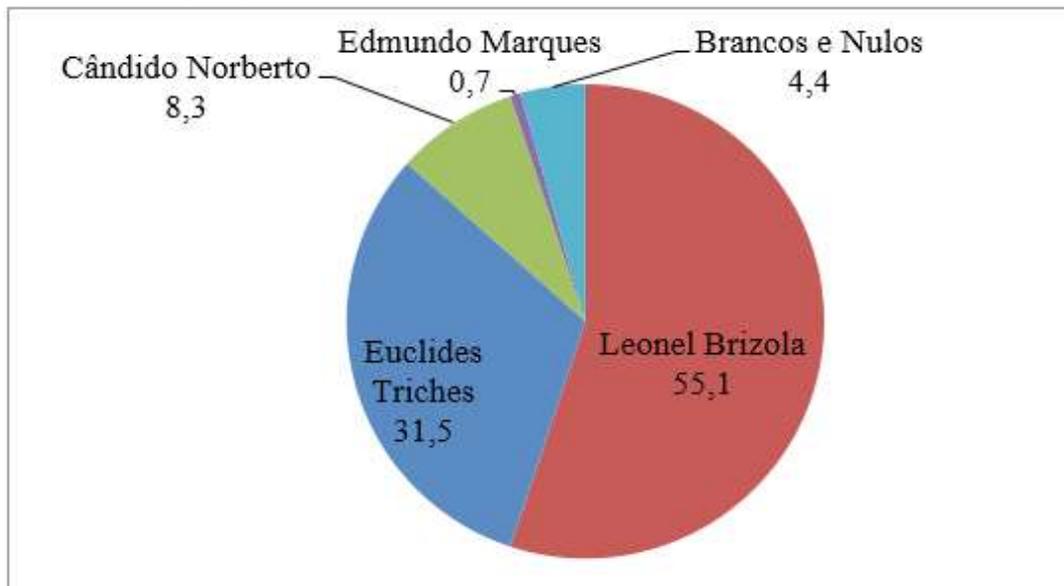
Conforme dito anteriormente, após menos de um ano na Câmara Federal, Brizola candidatou-se pela segunda vez à Prefeitura de Porto Alegre. Valendo-se da visibilidade e experiência acumuladas enquanto secretário de Obras Públicas, Brizola procurou construir-se como representante da ‘solução’ dos principais problemas de infraestrutura enfrentados pela capital gaúcha durante a administração de Ildo Meneghetti (MONIZ BANDEIRA, 1979; BRUST, NASCIMENTO, 2016). Em sua campanha, teve como uma das principais ferramentas de propaganda política o jornal *O Clarim*, fundado pelo próprio Brizola e distribuído durante o ano de 1955, no qual o candidato trabalhista expunha os problemas enfrentados pela capital e apresentava a sua candidatura e experiência em gestão como solução para os mesmos (MARÇAL, 2004; BRAGA, et. al, 2004). Cabe aqui chamar a atenção para a conversão desse recurso, o periódico, em capital político, utilizado por Brizola como canal de interpelação e mobilização das massas populares,

estratégia adotada posteriormente também através do *Panfleto*, durante o seu mandato enquanto deputado federal pela Guanabara e a crise política que culminou no golpe-civil militar de 1964.

Diferentemente de 1951, ao final deste pleito Brizola sagrou-se vencedor. Nesta ocasião, superou com ampla vantagem os candidatos Euclides Triches, da Frente Democrática, Cândido Norberto, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), e Edmundo Marques, do Partido Democrata Cristão (PDC), como nos mostra o gráfico abaixo⁸:

Indo ao encontro de suas promessas de campanha, sua administração ficou marcada pela implementação do Plano de Obras, aprovado e sancionado em novembro de 1955, que ocasionou na realização de uma série de investimentos em áreas como saúde, águas e saneamento, pavimentação, praças e jardins, transporte público e especialmente educação, com a criação de dezenas de escolas – muitos destes projetos oriundos ainda de sua gestão enquanto secretário de Obras Públicas (MONIZ BANDEIRA, 1979; BODEA, 1992; BRAGA, et. al, 2004; BRUST, NASCIMENTO, 2016). Tais realizações foram amplamente exploradas por Brizola, tanto na construção de sua candidatura, entre os anos de 1956 e 1957, quanto no decorrer de 1958 em sua campanha eleitoral, sob o lema do *Planejamento*, ou seja, foram utilizadas nesses dois momentos como um recurso no mundo social para construir a representação de Brizola enquanto um administrador ‘dinâmico’ e ‘moderno’.

Gráfico 02 – Votos válidos para prefeito de Porto Alegre em 1955 (%).



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor. **Fonte:** *Diário de Notícias*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

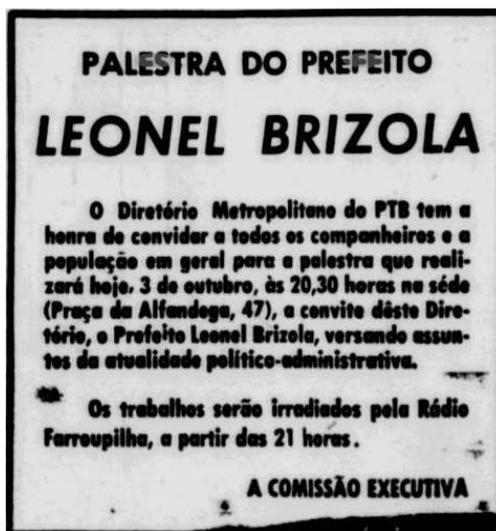
Uma vez na Prefeitura de Porto Alegre, Brizola começou, ainda nos primeiros meses de sua gestão, a construir-se enquanto postulante a candidato do PTB ao Governo do estado nas eleições que viriam a ocorrer em 1958. Uma das principais ferramentas utilizadas por Brizola para tal foi o rádio. Sob a forma de palestras, realizadas às sextas-feiras à noite na sede do Diretório Metropolitano do PTB e transmitidas pela Rádio Farroupilha, o programa comandado por Brizola tratou dos mais variados temas. Ao longo dos anos de 1956

⁸ Não foi possível, pela fonte jornalística, diferenciar os votos brancos e nulos.

e 1957, buscou dar destaque, entre outras coisas, às realizações de sua gestão nas áreas de transporte público, educação, segurança, energia elétrica, entre outros; realizar a prestação de contas de sua administração; e também debater acerca dos problemas enfrentados pelo estado durante a gestão da Frente Democrática.

Tais palestras eram anunciadas quase que diariamente nos principais jornais da capital. Abaixo, consta um convite para uma das palestras proferidas por Brizola, assinado pela Comissão Executiva do Diretório Metropolitano do PTB e publicado no *Diário de Notícias*:

Figura 01 – Anúncio do programa radiofônico de Leonel Brizola



Fonte: *Diário de Notícias*, 03/10/1956. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Afora o rádio, a grande imprensa escrita (para além da divulgação das palestras proferidas por Brizola) foi utilizada, ainda que de forma mais discreta, como canal de construção da imagem do então prefeito de Porto Alegre enquanto administrador e possível candidato ao governo do estado. Especialmente durante o ano de 1957, slogans como “Realização” e “Dinamismo”, referindo-se aos feitos de Brizola na Secretaria de Obras Públicas e na Prefeitura de Porto Alegre, foram amplamente explorados para tal, como nos mostram as propagandas abaixo (que dão título a esse artigo), recorrentes nas páginas de periódicos como *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*⁹ durante esse período e nas quais Brizola e sua capacidade de administração são apresentadas ao leitor como a “esperança do Rio Grande” para dias melhores.

Para além do conteúdo, cabe aqui atentar para o formato da propaganda de Brizola. Tal propaganda é composta por um cliché que traz outra forma de combinar imagens e palavras, que se diferenciava da diagramação de jornais como o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, da forma como os mesmos colocavam seus títulos e legendas e das demais propagandas políticas ali publicadas. A partir disso, é possível pressupor, por parte de Brizola e dos organizadores de sua campanha, uma tentativa de estabelecer uma nova forma de propaganda e uma nova linguagem capaz de atingir o eleitorado que cada vez mais aumentava, se diversificava e necessitava ser convencido.

⁹ As primeiras propagandas desta espécie encontradas datam de meados de maio de 1957.

Figuras 02 e 03 – Propagandas da administração de Leonel Brizola em Porto Alegre.



Fontes: *Diário de Notícias*, 19/05/1957. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; *Correio do Povo*, 19/05/1957. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

A atuação de Brizola enquanto prefeito de Porto Alegre, entretanto, não se limitou apenas ao âmbito municipal. A soma destes capitais políticos de notoriedade/popularidade e delegado, obtidos ao longo de sua trajetória política, propiciou a Brizola interferir, junto ao governo federal, sobre assuntos de âmbito estadual. Para além das inúmeras – e frequentes – viagens ao Rio de Janeiro e reuniões com o Executivo nacional, registrados pela imprensa durante os anos de 1956 e 1957, três acontecimentos ilustram esta atuação de Brizola para além da Prefeitura de Porto Alegre: primeiramente, em 1956, Brizola envolveu-se, juntamente com Jango, o ministro do Trabalho, líderes classistas, empregados e empregadores nas negociações acerca da fixação do salário mínimo no estado¹⁰; já em 1957, o então prefeito de Porto Alegre interferiu junto ao governo federal em prol da importação de máquinas rodoviárias destinadas a 75 municípios do Rio Grande do Sul¹¹; e também participou das negociações acerca do preço do trigo gaúcho, atuando como um mediador entre o vice-presidente, os moageiros e as autoridades federais¹².

Já consolidado no interior do campo político, tendo obtido votações recordes nos pleitos de 1950 e 1954, Brizola continuou a ascender, tendo como trunfos um capital político de notoriedade/popularidade – adquirido especialmente a partir da Secretaria de Obras Públicas – e um capital político delegado – a investidura de Vargas e, posteriormente, de Jango, que o permitiu falar em nome do trabalhismo no Rio Grande do Sul e projetar-se no interior do PTB, dominando a máquina partidária estadual. Este acúmulo de capitais, como visto acima, possibilitou a Brizola galgar o posto de prefeito de Porto Alegre.

Conforme já explicado por Bourdieu (2002, p. 189), a conservação dessa espécie de capital, o político, requer daqueles que o detêm um trabalho constante, não apenas visando o acúmulo de crédito, mas também qualquer espécie de descrédito. É o que podemos constatar a partir dessa breve análise da trajetória de Brizola. Uma

10 *Diário de Notícias*, 12/07/1956. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

11 *Diário de Notícias*, 26/05/1957. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

12 *Diário de Notícias*, 01/10/1957. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

vez na prefeitura da capital gaúcha, Brizola buscou ampliar seu capital político de notoriedade e popularidade, a fim de fazer-se ainda mais conhecido e reconhecido por suas realizações enquanto administrador, amplamente divulgadas por meio da imprensa (especialmente do rádio), através da qual o líder trabalhista era mostrado como detentor de competências específicas necessárias a um postulante ao governo estadual.

Ainda segundo Bourdieu (2002, p. 171-180) toda tomada de posição no interior campo é um ato que só ganha sentido relacionalmente, por meio do jogo das oposições e distinções, na diferença e pela diferença, naquilo que o autor classifica como *desvio distintivo*. Para entender uma tomada de posição, um programa, uma intervenção ou um discurso, é necessário conhecer o conjunto de tomadas de posição assumidas no interior do campo, uma vez que “a produção de tomadas de posição depende do sistema das tomadas de posição propostas em concorrência pelo conjunto dos partidos antagonistas”. No caso de Brizola, devemos considerar este apontamento do autor a fim de compreender suas tomadas de posição enquanto prefeito de Porto Alegre. Em oposição ao governo da Frente Democrática, que durante a gestão de Ildo Meneghetti enfrentou inúmeros e graves problemas econômicos (frutos, em grande medida, do Plano de Metas implementado pelo governo de Juscelino Kubistchek e da crise entre os diretórios regional e nacional do PSD, gerada a partir de 1955)¹³, Brizola buscou colocar-se, ainda em 1956, como opção ao Executivo estadual na disputa que viria a ocorrer em 1958, visando com isso transformar a relação de forças que conferia ao campo naquele momento a sua estrutura, ou seja, o domínio da Frente Democrática sobre o estado. Para isso, novamente teve como principal trunfo o acúmulo de capitais de notoriedade e popularidade e também delegado, oriundos de sua gestão na Prefeitura de Porto Alegre, bem como da sua atuação junto ao governo federal neste período em prol dos problemas do estado. Nesta disputa antecipada, como visto anteriormente e a exemplo do que nos diz Bourdieu (2002, p. 164) acerca das características do campo político, foram geradas por parte de Brizola inúmeras análises, comentários, entre outros produtos políticos, difundidos especialmente através do rádio e de impressos.

Ainda durante o ano de 1956, uma possível candidatura de Leonel Brizola foi pauta da imprensa gaúcha em inúmeras ocasiões. Nos primeiros dias de 1957, estas especulações confirmaram-se e o nome de Brizola foi lançado pelo Diretório Metropolitano para concorrer à convenção do PTB como candidato a governador do Rio Grande do Sul. Na ocasião, o agora postulante a candidato do PTB ao governo estadual agradeceu a lembrança de seu nome e disse ainda estar à disposição para desenvolver o melhor dos seus esforços em prol do bem-estar popular¹⁴.

13 O Plano de Metas de JK, implementado a partir de 1956, concentrou-se na indústria pesada e na infraestrutura de energia e transportes da região Centro-Sul do país. Ao Rio Grande do Sul, por sua vez, foram negados os benefícios do programa e do surto de investimentos estrangeiros, tendo recebido apenas 2% do montante (apesar dos altos impostos aos quais era submetido). Para além do Plano de Metas, o Rio Grande do Sul sofreu ainda as consequências das eleições de 1955, quando a Frente Democrática, e em especial o PSD, do então governador Ildo Meneghetti, foi oposição à candidatura de JK, eleito na ocasião. Como forma de retaliação ao governo gaúcho, por exemplo, o governo federal negou permissão para a importação de máquinas, quando da do início do programa de construção de rodovias da gestão de Meneghetti, não concedeu licença para importação de gado, quando da seca que dizimou os rebanhos gaúchos, e ainda proibiu a exportação de lã, forçando o estado a vender seu produto para as indústrias com sede em São Paulo (MÜLLER, 1979; CORTÉS, 2007).

14 *Diário de Notícias*, 05/10/1957. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Considerações finais

Como pretendemos demonstrar nesse artigo, o ingresso de Leonel Brizola na política da *experiência democrática* e naquele campo político, assim como a sua ascensão no interior do mesmo ocorreu a partir de um longo trabalho de acúmulo, conversão e manutenção de capital político. A entrada de Brizola no campo político ocorreu a partir de um capital cultural e social adquirido junto à Faculdade de Engenharia, convertido em capital político de notoriedade e popularidade. Uma vez inserido, Brizola foi capaz de ascender no interior do campo político, tanto a partir de um capital social convertido em capital político delegado, oriundo do casamento com Neusa Goulart e da proximidade com Getúlio Vargas e João Goulart, quanto de um capital político de notoriedade e popularidade acumulado especialmente ao longo de suas gestões à frente da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul e da Prefeitura de Porto Alegre, através das quais construiu-se enquanto postulante do PTB ao governo estadual. Sua escolha como candidato oficial do partido viria a ocorrer apenas ao final de 1957, após uma longa disputa interna com Loureiro da Silva, que, todavia, extrapola os limites desse artigo e caracteriza-se como objeto de análise para um futuro trabalho.

Especialmente no decorrer de sua administração na capital gaúcha, a imprensa – rádio e jornais – caracterizou-se como uma ferramenta primordial para a divulgação de seus feitos enquanto gestor e, com isso, também para ampliação e manutenção de sua popularidade. Como referido anteriormente, a capacidade de comunicação de Brizola para com o eleitorado através do rádio aponta, já desde o início de sua carreira política, para o domínio de um *habitus* do *tribuno*. O uso intensivo e extensivo desse meio de comunicação, principalmente a partir de 1955, bem como o formato diferenciado de sua propaganda veiculada nos jornais, também já citados, aponta para uma maior adaptação de Brizola à lógica da *experiência democrática brasileira*, marcada por uma ampliação e diversificação sem precedentes do eleitorado e pela competição entre os agentes políticos na busca pelo voto dos profanos. Uma hipótese para essa adaptação, para o domínio desse *habitus*, repousa justamente sobre a sua *iniciação*, sobre o seu ingresso no campo político, tendo sido uma liderança política constituída no seio da *experiência democrática*. Uma análise mais aprofundada dessa questão, contudo, também caberia ser tema de outro artigo.

Referências

- ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. **Jango e Brizola: tão perto e tão longe (1961-1964)**. [Dissertação de mestrado]. Passo Fundo: UPF, 2007.
- ANTUNES, Clarissa. **Brizola: um percurso na imprensa do norte do Rio Grande do Sul (1961-1964)**. [Dissertação de mestrado]. Passo Fundo: UPF, 2013.
- BEMFICA, Flávia Cristina Maggi. **Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul**. [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- BODEA, Miguel. **Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: ZOUK, 2007.
- BRAGA, Kenny, et al. (Org.). **Leonel Brizola: perfil, discursos e depoimentos (1922-2004)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do RS, 2004.

- BRUST, Hari Alexandre; NASCIMENTO, Nilton. **Leonel Brizola – uma biografia política: o fio da história (1922-1964)**. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2016.
- CANÊDO, Leticia Bicalho. Aprendendo a votar. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **História da cidadania**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 516-543.
- CORTÊS, Carlos E. **Política Gaúcha (1930-1964)**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FERNANDES, Vinícius dos Santos. **A emergência de um líder nacionalista: a atuação parlamentar de Leonel Brizola entre os anos de 1947 e 1953**. [Dissertação de mestrado]. Seropédica/RJ: UFRRJ, 2013.
- FERREIRA, Jorge. **João Goulart – uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GOMES, Ângela de Castro. Jango e a República de 1945-64: da República Populista à Terceira República. In: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de [et al]. **Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 35-50.
- GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **Estudios del Ishir**, v. 8, p. 53-74, 2018.
- HARRES, Marluza Marques. **Conflito e conciliação no processo de reforma agrária do Banhado do Colégio**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- KLÖCKNER, Luciano. **O diário político de Sereno Chaise**. Porto Alegre: AGE, 2007.
- LAVAREDA, Antonio. **A democracia nas urnas: o processo partidário eleitoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Rio Fundo; IUPERJ, 1991.
- MARÇAL, João Batista. **A imprensa operária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edição do autor, 2008.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brizola e o trabalhismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MÜLLER, Geraldo. A economia política gaúcha dos anos 30 aos 60. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 358-402.
- NICOLAU, Jairo Marconi. **História do voto no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- PINTO, Céli Regina Jardim. O poder e o político na teoria dos campos. **Veritas: revista trimestral de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS**, Porto Alegre, v. 41, n. 162, p. 221-227, jun. 1996.
- REIS, Daniela Görgen dos. **Imagens do Poder: as fotografias da legalidade pelas lentes da Assessoria de Imprensa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul**. [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre: PUCRS, 2012.
- RIGHI, Graziane Ortiz. **Leonel Brizola: o deputado federal da Guanabara e o golpe civil-militar (1962-1964)**. [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- SILVA, Marco Antônio Medeiros da. **A última revolução: o governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: PUCRS, 2015.
- SZATKOSKI, Elenice. **O jornal Panfleto e a construção do brizolismo**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: PUCRS, 2008.
- TAVARES, Tânia dos Santos. **Grupo dos onze: a esquerda brizolista (1963-1964)**. [Dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

Recebido em: 20.07.20.

Aceito em: 29.09.20.